

ORALIDADE E DIÁSPORA AFRICANA

Leandro Alves de Araujo¹

Resumo: A Diáspora africana — também conhecida como Diáspora negra — deixou marcas profundas e indeléveis na construção das identidades negras no Brasil. Tais marcas atravessaram o Atlântico, resistiram (em alguma medida) ao processo de aculturação imposto pelos colonizadores e, mesmo vulnerável às transformações impostas pelo tempo, ainda hoje podem ser percebidas através das memórias, performances, oralidade (recorte deste artigo) e variadas manifestações culturais que, embora reinventadas e/ou reelaboradas, trazem em seu bojo aspectos do inconsciente ancestral africano, como sintetiza Paul Gilroy (2002), ao dizer: “Nunca fomos meramente músculos, pois trouxemos conosco nossas tradições”. O objetivo deste artigo não se propõe esgotar e/ou tentar concluir, de alguma maneira, este tema. Tanto a oralidade quanto a Diáspora negra são densos campos de estudos com valiosas produções nas mais diversas áreas do conhecimento. Intenta-se aqui discutir alguns aspectos importantes do universo da oralidade africana e possíveis intersecções diaspóricas; bem como fomentar novos estudos, produções e imersões discursivas.

Palavras-Chave: Oralidade. Diáspora Africana. Crítica cultural.

ORALITY AND AFRICAN DIASPORA

Abstract: The African Diaspora — also known as black Diaspora — has left deep and indelible marks on the construction of black identity in Brazil. Such marks across the Atlantic, resisted (to some extent) the process of acculturation imposed by colonizers and

¹ Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Endereço eletrônico: leandrorujo@hotmail.com.

even vulnerable to changes imposed by time, can still be perceived through the memories, performances, orality (clipping of this article) and varied cultural events that although reinvented and / or reworked, bring in its core aspects of African ancestral unconscious as synthesizes Paul Gilroy (2002), saying: “we were never merely muscles because we brought with us our traditions”. The purpose of this article is not intended to exhaust and / or try to complete, somehow this theme. Both orality as the black Diaspora are dense fields of study with valuable productions in several areas of knowledge. If an attempt is made here to discuss some important aspects of the universe of African orality and possible intersections diasporic; and to stimulate new studies, productions and discursive immersions.

Keywords: Orality. African Diaspora. Critical-Cultural.

Oralidade africana

“A herança dos ouvidos é o cerne da história africana”
(Hampâté Bâ).

Ao falarmos das primevas² tradições orais do continente africano, não podemos deixar de pontuar o nosso lugar de fala — pesquisadores arraigados sob a epistemologia ocidental das letras. Entender este lugar é factual, pois todo esfor-

² Alguns pesquisadores adotam o termo primais (GAARDER, 2005), primitivas, tribais, não-letradas (GOODY, 2006) referindo-se à tradição oral africana. Embora concorde com Gaarder, preferi adotar o termo primevas — relativo à primeira idade ou aos primeiros tempos do mundo —, pois reafirma e empodera as descobertas sobre a antiguidade do continente africano. Embora até concorde, em parte, e entenda a designação empregada por Goody, acompanho, em alguma medida, as críticas dirigidas a ele quando da discussão sobre o que vem a ser entendido como letra, uma vez que sinais gráficos variados e decodificados já existiam, no continente africano, em um período que o ocidente, indevidamente, classificou como “Pré-História”.

ço, empreendido por nós, na tentativa de melhor compreender este universo estrutural e geracional³, indubitavelmente, produzirá apenas possíveis imagens do referido sistema.

Com uma rasa imersão na bibliografia histórica produzida sobre a tradicional⁴ oralidade africana, podemos perceber as tendenciosas associações — primitiva, emotiva, involuída — que lhe foram imputadas pelo pensamento europeu. Esta ideologia, arquitetada sob uma lógica etnocêntrica, instituiu um modelo binário (nós/eles) de estratificação do conhecimento, em que o ocidente (nós) seria o detentor do conhecimento racional e científico, além de portadores dos valores morais/éticos e dos padrões de civilidade, engessando as civilizações africanas (eles) numa espécie de taxonomia social embrionária, rudimentar.

Há uma gama de tratados e estudos que tentam perpetuar, ao longo do tempo, tal ideologia, mediante uma hierarquização entre culturas civilizadas e não civilizadas. Esta dicotomia, engendrada nos moldes eurocêntricos, opera,

³ Walter Ong (1998) defendeu o conceito de oralidade geracional, adotando como “oralidade primária” a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. Para Ong, a utilização do termo “primária” se dá por oposição a “oralidade secundária”, da atual cultura de alta tecnologia, em que uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. Segundo ele, atualmente, a cultura oral primária, no sentido restrito, praticamente não existe, uma vez que todas as culturas sem conhecimento da escrita sofreram alguns de seus efeitos. Contudo, em diferentes graus, muitas culturas e subculturas, até mesmo num meio de alta tecnologia, preservam muito da estrutura mental da oralidade primária (ONG, 1998, p. 19).

⁴ Estou denominando tradicional o que é originário. Deste modo, à oralidade originária africana denomino oralidade tradicional africana, sem, contudo, perder de vista o fato de que o contato com outras sociedades provocou, como não poderia deixar de ser, mudanças significativas nas partes envolvidas.

ainda em dias atuais, com conceitos interpretativos do que seria de fato o moderno, a sociedade, a cultura, a nação etc.

Léopold Sédar Senghor foi um político e escritor senegalês de importante envergadura. Ao lado do poeta antilhano Aimé Césaire, contribuiu diretamente na construção do conceito de negritude. Uma frase de Léopold Senghor, gerada no contexto de seu ativismo político, serve para ilustrar o recorrente pensamento que se formou e perpetuou ao longo da história: “A emoção é completamente negra como a razão é grega”.

Ao comando político-econômico e científico das nações europeias muitas desconexões foram avivadas. O colonialismo estabeleceu uma metodologia de violência cultural e religiosa nas diversas conquistas territoriais do continente africano. As consequências deste processo de dominação, incluídas as teorias científicas que emergiam desta ideologia racista e etnocêntrica, contribuíram para que as culturas de tradições orais fossem diminuídas e repelidas no contexto social, uma vez que não detinham o arcabouço da escrita — condição *sine qua non* para a legitimação de erudição e civilidade “puritana”⁵ ocidental. Com a ampliação conceitual e

⁵ A professora da Universidade de Nova York, Ella Shohat Habiba, com profícuas pesquisas no campo dos Estudos Culturais, suscita críticas à visão “puritana” ocidental de tentar compreender a África — diminuindo o poder da oralidade em detrimento da escrita, dizendo: “Ainda que o discurso triunfalista do eurocentrismo — de Platão à OTAN — equipare a história ao avanço da razão ocidental, a própria Europa é na verdade uma síntese de diversas culturas, ocidentais e não-ocidentais. A noção de uma Europa “pura” nascida na Grécia clássica se apoia em claras exclusões, que vão desde as influências islâmicas e judaicas que tiveram papel crucial na Europa durante a chamada Idade das Trevas (uma designação eurocêntrica para um período de supremacia oriental) e também durante a Idade Média e o Renascimento. Como aponta Jan Pieterse, todas as festejadas “etapas” da evolução europeia — os impérios grego e romano, o Cristianismo, a Renascença, o Iluminismo — são “momentos de mescla cultural”. A

metodológica experienciadas pelas ciências sociais, sobretudo a partir de meados dos anos 30 do século XX, o famigerado discurso do “inatismo da diferença cultural” começou a ser desmontado. Neste afã, a antropologia desempenha um papel fundamental no sentido de perceber melhor as nuances da alteridade que trazia em seu bojo a ideia de diversidade cultural. Nesta direção, as diversas teorias vigentes — evolucionismo, determinismo cultural e biológico, embranquecimento, racismo científico, etc., começaram a ser desconstruídas.

Segundo o historiador Joseph Ki-Zerbo (2010), há um hiato na história sobre as civilizações africanas que não se pode mais invisibilizar. Um silêncio continental, propositalmente amordaçado e que serve aos interesses hegemônicos dos que reescreveram a história. Nas palavras dele:

A África e a Ásia, atualmente na periferia do mundo, tecnicamente desenvolvido, estavam na vanguarda do progresso durante os primeiros quinze mil séculos da história do mundo... a África foi o cenário principal da emergência do homem como espécie soberana na terra, assim como do aparecimento de uma sociedade política. Mas esse papel eminente na pré-história será substituído, durante o período histórico dos últimos dois milênios, por uma “lei” de desenvolvimento caracterizada pela exploração e por sua redução ao papel de utensílio (KI-ZERBO, 2010, p. 21).

arte ocidental sempre fez empréstimos e foi transformada pela arte não-ocidental: alguns exemplos são a influência moura na poesia cortês, a influência africana na pintura modernista..., assim como das formas de danças africanizadas sobre coreógrafos como Martha Graham e George Balanchine. O ocidente, portanto, é uma herança coletiva, uma mistura voraz de culturas que não apenas “bebeu” das influências não-europeias, mas que é de fato “formada por elas” (SHOHAT, 2006, p. 38-39).

Destarte, percebe-se que somente através de uma transvaloração e/ou desautomatização do pensamento ocidental — cristão, branco, europeizado, capitalista, racista, machista e letrado — poderemos, talvez, em alguma medida, perceber as riquezas legadas pela tradição oral africana; pois, como bem disse Hampâté Bâ (2010, p. 18), “Não se pode fazer ideia de quanto pode armazenar a memória de um analfabeto”.

Tradição oral africana

“A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (Jan Vansina).

A dinâmica das tradições culturais em sociedades primárias é um ponto nodal de expressiva relevância para a compreensão da constituição dialética entre a oralidade e a escrita ao longo da história, bem como na contemporaneidade. Para além da voz, da palavra e da enunciação proferida, a cadência, o tempo, o espaço, o silêncio e a performance constituem elementos preponderantes nesta cadeia de transmissão, como será discutido ao longo deste artigo.

Tudo que uma geração pratica em costumes, adquiridos e reinventados, através da comunicação oral, por meio de rituais, usos e mitos passados de uma para outra, contextualizado para uma civilização, é chamado de tradição. É a transferência da herança cultural. Por meio da fala, a sabedoria ancestral é resguardada e tributada a uma enunciação pontual, que podemos denominar “tradição oral”.

Essa transmissão verbal conecta de maneira alínea, em temporalidades, um escopo cultural, que define a tradição, estendendo-o pelos desígnios e caminhos de uma sociedade que cresce distante da escrita. O destaque confere importância não à “ausência da habilidade” — incompetência ou inaptidão -, mas, à travessia dos saberes nessa realidade.

Desse modo, a tradição oral constitui uma memória grupal que, em si e por si, explica o todo. Assim, ressalta-se a necessidade de entender, primeiramente, os modos de pensar de uma sociedade oral para avançar na interpretação de suas tradições.

Por isso, um texto oral nunca deve ser lido de uma só vez, é preciso fragmentá-lo, explorar sua concepção e atribuições. Este exame requer um constante retorno à(s) fonte(s). Os muitos significados que compõe uma tradição solicitam uma lenta observação e abertura para ler uma representação coletiva. Naturalmente, um testemunho transmitido entre gerações, com formatos e verbalismos próprios, complexifica as características de uma tradição, uma vez que esse mesmo testemunho ainda pode ser interrompido ou corrigido durante sua execução somando outras abas à interpretação (VANSINA, 2010).

Sendo tradição a transferência de informações por um texto oral, é importante pontuar que nem toda informação é uma tradição. Em concordância com Vansina (2010), há uma peça chave para essa avaliação, a presença de uma “testemunha ocular”. A precisão da fonte -enquanto testemunha ocular — dá importância à informação, assim garantindo maior compreensão do acontecimento, com riscos menores de deturpação. Quaisquer possibilidades de distorções colocam as mensagens como não legítimas. Contudo, pode desencadear a origem de uma nova tradição (ou no que Eric Hobsbawm [1984] cunhou de ‘Tradição Inventada’)⁶, quando é disseminada para as demais gerações mediante “reproduções”.

⁶ O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo — às vezes coisa de poucos anos apenas — e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBBSAWM, 1984, p. 9-10).

Dessa forma, o nascimento de uma tradição pode acontecer pela repercussão de fontes de testemunho ocular e boatos, criados por uma seleção de textos orais pactuados e assimilados. A eleita deve atender um critério de valor imediato que equacione probabilidades e credibilidade. No afã desta discussão, Hobsbawm aprofunda, pontuando que:

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto; embora, evidentemente, seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. O direito comum ou consuetudinário ainda exhibe esta combinação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. Nesse aspecto, aliás, a diferença entre “tradição” e “costume” fica bem clara. “Costume” é o que fazem os juízes; “tradição” (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado (HOBBSAWM, 1984, p. 10).

O medievalista, antropólogo e africanista Jan Vansina, desconstruindo os modelos metodológicos vigentes até então, e reformulando outros⁷, buscou — na década de 60 do

⁷ Segundo Xavier (2004, p.41), Vansina (2010) estabeleceu a sua metodologia definindo a tradição ora como um sistema de transmissão

54 | Literatura e diáspora

século XX — uma metodologia que pudesse ver a oralidade por outro ângulo, ampliando o horizonte das suas inquietações discursivas, estabelecendo outros conceitos e perspectivas, ante a oralidade, que desmontam a ideologia de que as civilizações africanas eram despojadas de saberes, de história e arcabouço cultural simplesmente por não pautarem os seus registros culturais e sociais em conformidade com a lógica vigente do mundo ocidental.

Para Vansina (2010, p. 146), toda tradição possui uma superfície social, que garante sua transmissão. Tal tradição, por cumprir uma função, existe e, se não a cumpre, sua existência perde sentido e é abandonada pela instituição que a sustenta. Este é um dos muitos pontos que ratificam o poder de perpetuação da palavra nas tradições orais africanas. Ainda segundo Vansina, todo texto oral, desde que se trate de uma elocução importante, deve ser escutado, cuidadosamente examinado e com ele deve-se conviver internamente, como um poema. Somente assim podem ser alcançados seus múltiplos significados.

Uma citação muito conhecida e recorrente entre os pesquisadores da tradição oral africana, diz o seguinte:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não é o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que

de testemunho de uma geração à outra, Vansina aplica metodologia similar à adotada para as tradições gráficas do texto escrito: 1. A oralidade é encarada como uma obra literária, como seus formatos próprios de narrativas — o poema e a epopeia; 2. O contexto social da tradição; 3. A estrutura mental da tradição oral transmitida; 4. Os aspectos cronológicos da tradição oral e as suas relações com outras formas de relatos; 5. Mecanismos de avaliação das tradições orais, e, por fim, 6. Estudo das publicações baseadas em tradições orais. Depois de argumentar sobre a importância e o valor “insubstituível” da tradição oral, o autor conclui com a afirmação de que se faz necessário as técnicas de “modo a extrair das fontes toda a sua riqueza potencial”.

se encontra latente em tudo o que nos transmitem, assim como o baobá já existente em potencial em sua semente (Tierno Bokar Salif *apud* A. Hampâté Bâ, 2010, p. 167).

Tierno Bokar poeticamente sintetiza o que parece ser a essência desta tradição milenar, ainda recorrente nos dias de hoje (ao menos no que tange à tradição oral da religião tradicional da África Subsaariana⁸, especificamente nos países que compõem a África Ocidental)⁹. A oralidade é, para além de um veículo transmissor, a estrutura social, cíclica e *antirre-ligare* (pois não há desligamentos) dos povos africanos com os seus ancestrais, e, concomitantemente, com todo o legado transmitido e perpetuado ao longo das gerações. Ou, em outras palavras, como bem analisou Juarez Xavier (2004):

⁸ O continente africano é o terceiro maior continente do planeta e possui uma diversidade imensa, por isso foi dividido em duas Áfricas: África Mediterrânea e África Subsaariana. A África Subsaariana, também chamada África negra, corresponde à parte do continente africano situada ao sul do Deserto do Saara — ou seja, a todo o continente, exceto a região do Norte da África. A palavra subsaariana deriva da convenção geográfica eurocentrista, segundo a qual o Norte estaria acima e o Sul abaixo (daí o prefixo latino sub). Efetivamente, o Deserto do Saara, com os seus cerca de 9 milhões de quilômetros quadrados, forma uma espécie de barreira natural que divide o continente africano em duas partes muito distintas quanto ao quadro humano e econômico. Ao Norte encontramos uma organização socioeconômica muito semelhante à do Oriente Médio, formando um mundo islamizado. Ao Sul temos a chamada África Negra, assim denominada pela predominância nessa região de povos de pele escura e olhos castanhos.

⁹ A África Ocidental é uma região, no oeste da África, que inclui os países na costa oriental do Oceano Atlântico e alguns que partilham a parte ocidental do deserto do Saara. Os países que são normalmente considerados parte da África Ocidental são: Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo. CERQUEIRA, Wagner de. As duas Áfricas. A divisão das duas Áfricas. In: Equipe Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/as-duas-africanas.htm>>. Acessado em 4 abr. 2015.

A citação de Bokar expõe o que, para os povos africanos, é a alma da oralidade: ela é a veiculação da sabedoria enciclopédica dos ancestrais, legada às gerações futuras. A oralidade é o fio que tece as tramas da teia da sabedoria africana e dá sentido de continuidade a uma história enunciada por várias vozes; a oralidade é a base da história polifônica dos povos africanos; a composição de suas histórias com várias vozes, harmonicamente dispostas (XAVIER, 2004, p. 40).

Sabemos que a tradição ocidental, estabelece o princípio de que onde não há escrita, não existe cultura. Tal assertiva encontra respaldo na famigerada expressão “Pré-história”, estabelecida pelos estudiosos ocidentais na tentativa de estabelecer um marco (a escrita) para o início da história (recente)¹⁰ da conferida civilização. Tal termo evidencia uma ideologia comprometida com o etnocentrismo europeu, deixando à margem toda herança oral das sociedades não-letradas.

Hampâté Bâ (2010), ao estabelecer um olhar sobre o continente africano que se move de dentro para fora — focalizando toda a diversidade e riqueza de conhecimento herdada pelos seus ancestrais — critica, veementemente, essa visão eurocêntrica, demonstrando que o fato de não possuir uma escrita não priva a África de ter um passado e um conhecimento.

Sàlâmi (1999, p.31), por sua vez, destaca que a oralidade africana se baseia em concepção específica e originária do

¹⁰ Na realidade, a linguagem é tão esmagadoramente oral que, de todas as milhares de línguas — talvez dezenas de milhares — faladas no curso da história humana, somente cerca de 106 estiveram submetidas à escrita num grau suficiente para produzir literatura — e a maioria jamais foi escrita. Das cerca de 3 mil línguas faladas hoje existentes, apenas aproximadamente 78 têm literatura (EDMONSON, Apud ONG, 1971, p. 323, 332).

homem, de seu lugar e de seu papel no conjunto da realidade. Para situá-la melhor no contexto global é necessário considerar seu significado. Tomada como elemento de origem divina, força fundamental emanada do próprio Ser Supremo, é, ela própria, instrumento de criação.

Como já foi dito anteriormente, é preciso desautomatizar o olhar para tentar compreender os mecanismos de constituição e transmissão do conhecimento oral africano. Sobre este ponto factual, Hampâté Bâ (2010)¹¹, nos revela: “O “sábio” não é jamais um especialista. É um generalista. [...] Portanto, podemos falar de uma “ciência da vida”: a vida sendo concebida como uma unidade onde tudo está interligado, interdependente e interagindo”.

O poder da palavra

“A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente” (Hampâté Bâ).

A partir de tudo que foi discutido, podemos afirmar que falar em tradição africana é falar de tradição oral. Não se pode mensurar a primeira, descartando a segunda. Por isso, antes de mais nada, precisamos compreender a importância e o valor que as palavras alcançaram nestas civilizações.

Um adágio africano, bastante conhecido, adverte: “A palavra compromete o homem, a palavra é o homem”. Nas civilizações orais africanas, a palavra é sagrada e consagrada. Na primeira acepção, acredita-se que a divindade suprema — ‘Deus’ (salvaguardando os seus variados nomes e diferencia-

¹¹ Texto originalmente editado em francês como capítulo do livro *Aspects de la Civilization Africaine*, Paris, ed. *Présence Africaine*, 1972. Traduzido para o português por Daniela Moreau e publicado na revista THOT n. 64, 1997).

ções) — criou o mundo e tudo o que nele existe através da palavra. Portanto, a palavra que habita o interior do ser humano é uma extensão de 'Deus', concomitantemente, o homem é um ser divino e tem a obrigação de zelar deste dom sagrado que habita dentro de cada um. Outro fato que merece atenção neste contexto é o poder que a palavra possui: poder de criação, animação (no sentido de vivificar o inanimado) e nomeação sobre todas as coisas. A segunda acepção — consagrada — faz menção a utilização da palavra na esfera humana do cotidiano. Aqui faz-se mister regular os usos da mesma, corroborando, neste sentido, para o estabelecimento de uma doutrina interna de caráter ético, moral e social. Neste sentido, o homem restitui ao seu 'Deus', o entendimento da primazia oral comprometendo-se em fazer bom uso do mesmo entre si. Bâ explica este fato melhor, quando diz que:

Como provinham de Maa Ngala para o homem, as palavras eram divinas porque ainda não haviam entrado em contato com a materialidade. Após o contato com a corporeidade, perderam um pouco de sua divindade, mas se carregaram de sacralidade (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 171).

Deste modo, percebe-se o respeito arraigado pelas narrativas tradicionais legadas pelos seus respectivos ancestrais, nas quais é permitido o ornamento na forma ou na apresentação poética, mas onde a trama permanece imutável através dos séculos, veiculada por uma memória prodigiosa que é um traço peculiar dos povos de tradição oral. Neste contexto, a primeira voz/palavra — divina —, gerou o homem e este os filhos dos homens que, por sua vez, gerou os filhos dos filhos dos homens. Nesta cadeia cíclica, a voz de 'Deus' permanece viva a cada nascimento e a cada geração formada pelos ensinamentos orais. É por isso que os de maior idade no seio desta cultura tradicional, gozam de prestígio indiscutível. Eles estão ouvindo e transmitindo a voz divina por mais

tempo, logo, são infinitamente mais sábios. Esta reflexão pode ser análoga a um adágio africano que diz: “A boca do velho cheira mal, mas ela profere coisas boas e salutares”.

O entrelace entre o ancião e o conhecimento nas civilizações africanas é algo tão intrínseco que se torna recorrente nos mais diversos estudos científicos publicados sobre esta temática. Hampâté Bâ, também analisou de forma bastante precisa esta relação em seu texto intitulado “Aspectos da civilização africana”:

O conhecimento africano é um conhecimento global, um conhecimento vivo. É por isso que os anciãos, os últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas, das quais as múltiplas prateleiras estão ligadas entre si por relações invisíveis que constituem precisamente esta “ciência do invisível”, autenticadas pelas correntes de transmissão iniciática (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 210).

A sabedoria africana é global porque é anticartesiana, não faz parte de agenciamentos de cunho especialista, mas se desenvolve numa perspectiva ampla, generalista e interligada, onde cada ponto do conhecimento está de alguma maneira ligado ao outro, formando assim uma rede em espiral, dependente dos meios e das extremidades geradoras de saber.

É importante registrar que a relação existente entre o produtor e a ferramenta da sua produção não é passível de incompatibilidade, nem tão pouco de separação. O artesão e o seu instrumento de trabalho são fundidos, formando-se uma coisa só e assim será para sempre; mesmo que ele, por qualquer motivo, não exerça mais a sua profissão. Isso acontece devido ao ritual de transmissão iniciática, ou como denominou Hampâté Bâ, “a ciência do invisível”. O profissional só estará apto para exercer o seu ofício, depois de ser ritualisticamente iniciado por um mestre da área. Os rituais iniciáticos são específicos para cada ofício e guardados em segredo

por ambas as partes e transmitidos de geração para geração como afirmou Hampâté Bâ:

O patrimônio cultural do povo africano consiste da soma de conhecimentos sobre a natureza e a vida, os valores morais da sociedade, a concepção religiosa do mundo, o domínio das forças ocultas que cercam o homem, o segredo da iniciação nos diversos ofícios, o relato dos eventos passados ou contemporâneos, o canto ritual, a lenda, a poesia, tudo isso é guardado pela memória coletiva, a verdadeira modeladora da alma africana e arquivo de sua história. Por isso já se disse que “cada ancião que morre na África é uma biblioteca que se perde”. Toda história verdadeira da África está na tradição oral, tão digna de fé como qualquer fonte escrita” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 1).

É importante retomar as questões fundamentais do processo de desenvolvimento africano para desvendar, com objetividade, expressões subalternas como “inferioridade racial” e, a “passividade dos povos africanos” no contexto em que a diáspora negra foi retratada/enquadrada na História Ocidental. Não se pode olvidar as relações de poder existentes e a ideologia orquestrada em transformar a referida História em Oficial; logo, torna-se evidente, que as civilizações africanas foram manipuladas por manobras que obedeciam aos interesses políticos e econômicos das potências hegemônicas europeias.

O conhecimento da história africana é firmado em três tipos de fontes: documentos escritos, arqueologias e os textos orais, com particulares dificuldades de manuseio. Estes pilares receberam atenções e importantes contribuições oriundas do campo de estudos linguísticos e antropológicos, que aprofundaram investigações especializadas, oportunizando descobertas contundentes e preservações valiosas sobre a cultura africana. Porém, os escassos documentos escritos que remetem a tempos imemoriais do continente africano, são fontes encontradas, segundo alguns arqueólo-

gos e historiadores¹², em más distribuições no tempo e no espaço; devido às ambíguas interpretações que dificultam enxergar os séculos não conhecidos da história africana. Contudo, as fontes escritas, ainda assim, têm o seu valor e não devem ser desprezadas. Devido à indeterminação temporal dos registros escritos, a arqueologia revela-se como uma contribuição valiosa à História Africana. Os textos orais — basilares para uma compreensão mais verossímil da Diáspora Africana —, por sua vez, aparecem tanto na reposição, quanto na condução, de um trecho sociocultural cultivado por uma civilização feita sem a presença da escrita.

Dentro da estrutura mental da sociedade cuja tradição é oral, é preciso entender que as representações inconscientes do coletivo influenciam suas formas de concepção do mundo. Toda história, ao longo de sua repercussão, se condensa e torna-se mítica, sendo ela verdadeira ou não, muitas das vezes. Ao criar os modelos de comportamento e de valores, cria-se também os estereótipos e o torna popular (KI-ZERBO, 2010).

Nesse sentido, os ancestrais de uma civilização constituiriam verdadeiros “museus vivos” por conter em si, trechos importantes e identitários de uma civilização. Cada perda seria como “queimar bibliotecas inteiras”, de acordo a Hampâté Bâ (2010). Enquanto a escrita e suas pautas redimensionam as palavras e as alinham em cadeias de informações, a tradição oral, dita pelos ancestrais, proporciona maiores extensões pela relação forte com o uso das palavras.

Na apreensão de Ki-Zerbo (2010) a palavra em si, envolve subintenções, apologias capazes de fazer e refazer, capaz até de produzir malefícios, sendo assim, nenhuma palavra pode ser desperdiçada. Mesmo as “meias-palavras”,

¹² Para imersões discursivas maiores, ver a Coleção de História Geral da África — UNESCO (*História Geral da África: I metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática, 1982).

o que fica em entrelinhas, para os africanos, tem um peso determinado, dando as limitações da tradição oral.

Ainda sobre a dicotomia da valorização da fonte escrita em detrimento da fonte oral, o sociólogo Fábio Leite (1992) aprofunda a discussão, dizendo:

Ao tratar da questão da palavra em sociedades negroafricanas que adotaram a não-utilização da escrita para fins de apreensão e transmissão do conhecimento e que desenvolveram dispositivos civilizatórios para essa finalidade, enfatiza que ausência de escrita não deve ser confundida com analfabetismo. Tal confusão, que ocorre ainda hoje, advém principalmente da postura adotada pelo pesquisador. Posicionado de modo a observar a realidade com visão periférica, ao apreciar a África-objeto, o pesquisador pode ser levado a considerar a não-utilização da escrita como sério entrave ao que se costuma chamar de progresso ou desenvolvimento. Por outro lado, adotando a visão interna, que lhe permite observar a África-sujeito, não ocorre o mesmo, pois assumida essa postura, pode o pesquisador perceber que a palavra alcança a dimensão de elemento vital, componente da personalidade, da cultura e da história, constituindo-se em processo que se desdobra de instâncias muito abstratas às práticas sociais. O importante é, como diz o adágio africano, olhar as coisas pela janela certa (LEITE, 1982).

A palavra é, por excelência, o grande agente moral e ético da sociedade africana. Podemos considerar este o motivo pelo qual, Hampâté Bâ (2010) afirma que “o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem”.

Outro fator importante a ser observado no contexto das diversas contribuições que a tradição oral foi e é capaz de nos transmitir, é o levantamento de registros históricos rele-

vantes para compreensão e atualização de dados imprecisos da arqueologia e/ou história, como nos mostra a seguir, Sàlámì:

Como lembra Obenga (1982), a oralidade integra uma extraordinária variedade de fontes usadas para a construção da história da África, prestando ainda valiosa contribuição ao documento escrito e à pesquisa arqueológica. Do mesmo modo, constitui fonte fundamental de estudos sociológicos. Entre outros, na área das ciências humanas e sociais, sendo a multidisciplinaridade o caminho inevitável para a construção desse conhecimento (OBENGA apud SÀLÁMÌ, 1999, p. 29).

Os estudos empreendidos por Hampâté Bâ (2010) apontaram para o fato de que a tradição transmitida oralmente é tão precisa e tão rigorosa que se pode, com diversas confirmações, reconstituir os grandes acontecimentos dos séculos passados nos mínimos detalhes, especialmente a vida dos grandes impérios ou dos grandes homens que ilustraram a história africana.

Seguindo a lógica da análise introduzida por Hampâté Bâ encontraremos ligações com outros estudos já publicados de pesquisadores que apontam a capacidade mnemônica dos povos de tradição oral. Walter Ong (1998) ocupou-se das análises efetivadas através do som para melhor compreender este fenômeno. Diz o pesquisador:

Algumas comunicações não-orais são extremamente ricas — a gestual, por exemplo). Contudo, num sentido profundo, a linguagem, o som articulado, tem importância capital. Não apenas a comunicação, mas os próprios pensamentos estão relacionados de forma absolutamente especial ao som. Todos nós ouvimos dizer que uma imagem vale mil palavras. No entanto, se essa afirmação é verdadeira, por que ela é feita com palavras? Porque uma imagem vale mil palavras apenas em certas condições especiais — que

comumente incluem um contexto de palavras em que está situada a imagem. [...] Toda sensação ocorre no tempo, mas o som possui uma relação especial com ele, diferente da que existe em outros campos registrados na sensação humana. O som existe apenas quando está deixando de existir. Ele não é apenas perecível, mas é essencialmente evanescente e percebido como evanescente. Quando pronuncio a palavra “permanência”, no momento em que chego a “-nência”, “perma-” desapareceu e tem de desaparecer. Não há como deter e possuir o som. [...] Numa cultura oral primária, para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral (ONG, 1998, p. 42, 45).

Se para Hampâté Bâ (2010), os cânticos rituais e as citações das fórmulas encantatórias, são exemplos de como as palavras materializam a cadência; na mesma direção, Ong vai dizer que a palavra tem música, a escrita, uma partitura. E que a linguagem é a articulação do som e, em si, um valor capital. Logo, o som e o pensamento, estariam correlacionados.

A escrita dá um desenho espacial das palavras podendo ampliar a potencialidade da linguagem e reestruturar um pensamento. Ainda assim, a palavra falada subsiste, uma vez que, todos os documentos escritos são antecedidos por um som, artifício natural da linguagem para o comunicado dos significados (ONG, 1998).

Em consonância com a capacidade mnemônica e esta característica rítmica, inerente à oralidade africana, Hampâté Bâ vai dizer que tudo isto é possível porque a oralidade na África é considerada um dom do pré-existente e serve de instrumento à materialização e exteriorização de forças vi-

tais. Assim como a fala divina de Maa-Ngala¹³ animou as forças cósmicas que dormiam estáticas em Maa¹⁴, assim também a fala humana anima, coloca em movimento e suscita as forças que estão estáticas nas coisas. Mas, para que a fala produza um efeito total, as palavras precisam ser entoadas ritmadamente, porque o movimento precisa de ritmo, estando ele próprio fundamentado no segredo dos números. A fala deve reproduzir o vai e vem que é a essência do ritmo (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 186).

Reflexões finais

Como já foi dito na introdução, não é objetivo deste artigo esgotar e/ou tentar concluir, de alguma maneira, este tema. Tanto a oralidade quanto a Diáspora negra (ou africana), são densos campos de estudos com valiosíssimas produções nas mais diversas áreas do conhecimento. Este trabalho almejou discutir alguns aspectos factuais do universo da oralidade africana e possíveis intersecções diaspóricas; como também, fomentar novos estudos, produções e imersões discursivas. Como fora esboçado ao longo do texto, cada tradição corresponde a um tecido social. Cada grupo social tem uma identidade trazendo consigo representações coletivas que é suficiente em explicá-la e justificá-la. Podemos dizer que essa função serve para revitalizar e firmar uma instituição que dela depende reforçando que tradições cunhadas como oficiais são legítimas e universais para uma sociedade. Assim, cartas e genealogias, que listam as dinastias de reis e suas histórias, são consideradas verdadeiras constituições não-escritas. Tendo em vista que essas categorias abrangem apenas assuntos públicos e legais, a oficialização dessas tradições tem serventia somente para o grupo que a transmite.

¹³ Ser supremo, equivalente a Deus, na tradição Bambara do Komo (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 171).

¹⁴ Primeiro homem criado por Maa Ngala (Ibidem, p.172).

Muitos grupos sociais têm tradições oclusas e verdades secretas, que são regalias restritas.

Não se pode olvidar o fato de que há uma dívida — no mínimo: histórica, moral, política e econômica — do Ocidente com as civilizações africanas e o seu arcabouço científico/cultural afro-diaspórico. Estabelecer a escrita como marco inicial da História humana e/ou classificar como Pré-História/Pré-Históricos (leia-se: bárbaros, selvagens, tribais e/ou incultos) todo o espólio de saberes, práticas e modos de vida — incluindo, obviamente, a oralidade — é, sobretudo, etnocentrismo. Pois, como bem destacou Ki-Zerbo (2010, p.21), há um hiato na história sobre as civilizações africanas que não se pode mais invisibilizar. Um silêncio continental, propositalmente amordaçado e que serve aos interesses hegemônicos dos que reescreveram a história. Nas palavras dele:

A África e a Ásia, atualmente na periferia do mundo, tecnicamente desenvolvido, estavam na vanguarda do progresso durante os primeiros quinze mil séculos da história do mundo... a África foi o cenário principal da emergência do homem como espécie soberana na terra, assim como do aparecimento de uma sociedade política. Mas esse papel eminente na pré-história será substituído, durante o período histórico dos últimos dois milênios, por uma "lei" de desenvolvimento caracterizada pela exploração e por sua redução ao papel de utensílio (KI-ZERBO, 2010, p. 21).

Destarte, percebe-se que se para o conhecimento ocidental a escrita confere poderes, dentro de uma sociedade oral, a tradição concebe a palavra como poder. Esse poder consagrado à palavra assume duas funções: socializadora, pertencente aos mais velhos da sociedade oral, que fazem a transmissão de saberes; e, a mítica-religiosa, pela materialização das coisas ditas. Deste modo, somente através de uma

transvaloração e/ou desautomatização do pensamento ocidental — cristão, branco, europeizado, capitalista, racista, machista e letrado — poderemos, talvez, em alguma medida, perceber as riquezas legadas pela tradição oral africana; pois, como bem disse Hampâté Bâ (2010, p. 18), “Não se pode fazer ideia de quanto pode armazenar a memória de um analfabeto”.

Referências

CERQUEIRA, Wagner de. As duas Áfricas. A divisão das duas Áfricas. In: Equipe Brasil Escola. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/geografia/as-duas-africanas.htm>.

Acessado em 4 abr. 2015.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. São Paulo: Paulistana, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática; UNESCO, 2010, p. 167-212.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence Ranger (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In: *História Geral da África*. São Paulo, Ática; UNESCO, 2010.

LEITE, F. *A questão ancestral*. São Paulo, Tese de Doutorado em Sociologia (FFLCH/USP), 1982.

ONG, Walter Jackson. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

SALAMI, Sikiru. *Poemas de Ifá e valores de conduta social entre os Yoruba da Nigéria (África do Oeste)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Orientador: Fábio Rubens da Rocha Leite. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1999.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. coordenador. *História Geral da África: I metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática; UNESCO, 2010.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. *Versos Sagrados de Ifá: núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz loruba nas Américas*. 329 f Tese (Doutorado em comunicação). Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, USP, São Paulo, 2004.

[Recebido: 29 fev. 2016 — Aceito: 6 abr. 2016]